

## Criação Restaurada e Esperança Paciente (Uma reflexão sobre Romanos 8:18-25)

Por Tom Wright

*“Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada. A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados. Pois ela foi submetida à futilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto. E não só isso, mas nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo. Pois nessa esperança fomos salvos. Mas, esperança que se vê não é esperança. Quem espera por aquilo que está vendo? Mas se esperamos o que ainda não vemos, aguardamo-lo pacientemente”.* (Romanos 8:18-25)

Eu passei por aquele bosque várias vezes antes de perceber o que a placa estava indicando. Era um bosque fechado, com trilhas levando para lá e para cá. Conhecia algumas delas muito bem e tinha as minhas preferidas. Havia uma que me fazia dar a volta pelo lago, outra me levava a uma esplêndida e pequena clareira onde geralmente via coelhos e esquilos. Ainda outra me fazia andar por velhos carvalhos, do tipo que, imagino, testemunharam batalhas de séculos atrás.

Mas por uma delas nunca havia andado. Ela era menos evidente; o mato havia começado a crescer ali e não se podia ver direito para onde ela ia. Já que na maioria das minhas caminhadas eu estava com pressa para me exercitar e voltar ao trabalho logo, nunca me preocupei com ela. Nem me preocupei em prestar atenção a um pequeno poste que, quase escondido pelo mato, estava bem ao lado do início da trilha. Ele tinha algo que se parecia com a letra “V” no topo, a 30 ou 60 centímetros do chão. Pelo que imaginava isso era apenas uma marca que fora cortada na madeira. Não necessariamente significava alguma coisa.

Até que um dia cheguei nesse mesmo lugar, e alguém tinha limpado a trilha o bastante para revelar três outras letras e uma seta indicando a trilha. As outras letras, abaixo do “V”, eram, “I”, “E” e “W” (em inglês: “vista”). Uma vista? Vista de que tipo? Intrigado, escolhi aquele caminho pela primeira vez. Para começar, ele era como eu esperava que seria: cheio de mato (obviamente, eu não era o único a tê-lo ignorado), com arbustos e espinhos pelo caminho. Ele era barrento também: eu queria estar com as minhas botas apropriadas no pé. Mas então ele tinha uma curva brusca por baixo de algumas árvores e começava a ficar mais íngreme. Em alguns minutos fiquei sem fôlego, mas depois de uma pequena pausa, continuei andando, ficando mais empolgado com o tempo. De repente, ao invés de árvores grossas ao meu redor, vi o céu claro aparecendo. Então, logo estava com as árvores atrás de mim e em cima de uma

prancha de pedra. Apressei-me a subir nesta pedra e fiquei ali, me chamando de certas coisas por nunca ter ido àquele local antes.

Era realmente uma vista. Podia ver não apenas aquele grande bosque inteiro, mas também um pouco além dele. Podia ver outras montanhas a distância, e fumaça subindo de algumas vilas. Metade do condado parecia estar ali, na minha frente. E eu poderia nunca ter sabido. Romanos 8:18-25 é um pouco como aquela vista. Desse lugar nós podemos ver, com assombrosa clareza, todo o plano de salvação para toda a criação de Deus. Uma vez que você tiver conhecido essa vista, nunca a esquecerá. Mas a maioria das pessoas que leu Romanos, por muitos anos e de muitas tradições, se apressou. Estavam muito apressados com suas teorias de justificação e salvação individuais. Estavam ansiosos por lições morais, por uma base para uma experiência nova do espírito (ou uma teologia nova para dar base à experiência que tiveram). Eles estavam no seu caminho para as grandes questões sobre Israel e os Gentios, que realmente são uma preocupação de grande parte de Romanos, incluindo os capítulos seguintes a Romanos 8.

E a placa que poderia tê-los indicado para fazer aquela curva e aquele caminho acabou sendo coberta pelo mato. A linguagem da criação em extrema expectativa agora não é o que eles enxergam. A estranha ideia de Deus sujeitando a criação à futilidade e escravidão, e da criação sendo resgatada, simplesmente não é o que as pessoas queriam ouvir, ou entender como interpretar quando ouviam. A velha tradução King James (e no Brasil a Almeida Revisada e Corrigida Fiel, por exemplo) provavelmente não ajuda também, ao dizer “criatura” quando a palavra correta seria “criação”, fazendo com que o leitor fique se perguntando a qual “criatura” Paulo se referia. Então a trilha para esse ponto de vista ficou coberta com ervas daninhas e espinheiros. “Ideias apocalípticas estranhas”, as pessoas disseram, e se apressaram para chegar em locais mais “seguros”. Mas esse é o local para se visitar. Do topo dessa montanha, você pode ver para sempre.

Afinal de contas, se você fosse Paulo, escrevendo uma carta cuidadosamente “montada”, como Romanos, você construiria uma ideia com empolgação crescente e então, com o fim do raciocínio quase a vista, se voltaria para coisas irrelevantes por alguns parágrafos? Claro que não. Essa passagem está próxima do clímax do capítulo, que é por sua vez o clímax da carta até agora. Claro que ela tem um papel central. Claro que é vital para o seu argumento. O fato que ele não diz nada assim em outros lugares não significa muita coisa.

Com boa parte de Romanos acontece o mesmo. Ele começa onde o parágrafo anterior parou, com a promessa que o sofrimento presente, apesar de por vezes ser intenso, seria em muito superado pela “glória que será manifesta em nós”. O sentido não é de nós olharmos e ficarmos satisfeitos com nós mesmos. Também não é no sentido de nós sermos apenas expectadores, como se estivéssemos assistindo a um show de fogos de artifício. O ponto da “glória” é que significa “gloriosa”, um reinado soberano; compartilhar o reinado salvador do Messias sobre todo o mundo. E é por isso que toda a criação espera. Ela está esperando por nós, por você e eu, por todos os filhos de Deus, serem revelados. Então, finalmente, a criação verá seus verdadeiros senhores e saberá que o tempo chegou para que ela seja liberta da corrupção.

Para entender isso, precisamos compreender a grande história de criação da bíblia. Quando olhamos o mundo criado como está no presente, vemos um mundo na mesma condição que os filhos de Israel estavam quando foram escravizados no Egito. Da mesma forma que Deus permitiu que o israelita fosse para o Egito, para que no ato de libertá-los Ele pudesse também defini-los para sempre como o povo “liberto da escravidão”, Deus também permitiu que a criação fosse sujeita ao seu atual ciclo de inverno e verão, crescimento e envelhecimento, nascimento e morte. É bonito, sim, mas sempre termina com lágrimas ou pelo menos um “encolher de ombros”. Se você está entre os que vivem em meio à corrupção da criação – em uma área propensa a terremotos, por exemplo, ou perto de um vulcão ativo –, pode sentir o tamanho do seu poder de destruição. A criação pode por vezes se parecer com um búfalo enjaulado: toda aquela energia, mas não está conseguindo nada. E, falando de animais selvagens, o que dizer da promessa do lobo e da ovelha deitando juntos? Isso é só um sonho?

Não, diz Paulo, isso não é um sonho. É uma promessa. Todas essas coisas são sinais de que o mundo como está, apesar de ainda ser a boa criação de Deus e estar cheio com seu poder e glória (Romanos 1:20), ainda não está no estado que deveria. A fidelidade de Deus à sua aliança sempre foi seu comprometimento, através das promessas feitas a Abraão, que ele um dia consertaria o mundo inteiro. Agora, ao menos, vemos o que isso significava. A raça humana foi colocada como responsável pela

criação (como vemos no fato de Paulo tão frequentemente ter Gênesis 1-3 em mente). Quando os humanos se rebelaram e adoraram partes da criação ao invés de Deus (Romanos 1:21-30), a criação entrou em decadência. Deus permitiu que esse estado de escravidão continuasse, não porque a criação quisesse ser assim, mas porque ele estava determinado há um dia consertar tudo, de acordo com o plano original (assim como, quando Israel falhou com Ele, Ele não mudou de plano, mas enviou finalmente um israelita fiel [Jesus]). O plano era que os humanos tomassem seu lugar sob Deus e sobre o mundo, adorando o criador e exercendo uma gloriosa mordomia sobre o mundo. A criação não está esperando por compartilhar a liberdade dos filhos de Deus, como algumas traduções parecem dizer. Ela está esperando para se beneficiar maravilhosamente quando os filhos de Deus forem glorificados. Ela está esperando – com grande expectativa, na verdade – pela liberdade que ela terá quando Deus der aos seus filhos aquela glória, aquele domínio e mordomia feitos com sabedoria, os quais sempre foram o ideal para aqueles que são à imagem gloriosa de Deus.

Essa perspectiva de toda a criação tem todo o tipo de implicação, desde a maneira como pensamos sobre o futuro do mundo e de *nós* mesmos (o final da história não está em uma existência imaterial no “céu”, mas em um mundo novo), à nossa antecipação dessa responsabilidade pela criação de Deus. Essa é uma visão positiva, que afirma a criação, sem qualquer risco associado ao panteísmo (idolatria e a falta de percepção do mal – o panteísmo vê a própria natureza como sendo inteira sagrada; essa não é a visão bíblica nem a defendida pelo Tom Wright). Existem várias rotas que poderíamos achar bom explorar a partir daqui.

Mas Paulo passa logo a considerar a posição que os filhos de Deus têm hoje em vista desse futuro. Nós estamos, ele diz, esperando pelo tempo em que nós mesmos seremos completa e finalmente redimidos, quando, ou seja, receberemos nossos prometidos corpos ressurretos. Nós grunhimos e suspiramos se sabemos o que nos é prometido, conforme vivemos nessa tensão entre a promessa gloriosa e nosso estado presente. Essa tensão é encapsulada no fato que o já está trabalhando dentro de nós, mas ainda não completou a tarefa de nossa renovação completa. Temos os “primeiros frutos” do Espírito da vida; Paulo usa a imagem de uma colheita de feixes oferecidos a Deus como um sinal da grande colheita que virá. Somos deixados com uma incrível análise da esperança cristã, esperança que, como a fé, não é visível (ou não seria esperança), mas ainda assim uma esperança certa de que é a verdade. Gemendo e esperando, ansiosos, mas pacientes: essa é a postura característica de um cristão.

A figura geral de Paulo localiza esses gemidos na criação. No centro dessa incrível passagem, está uma das mais vívidas imagens de esperança: a de contrações de parto. A criação inteira está em trabalho de parto, ansiando para que o Novo Mundo nasça. A igreja é chamada a participar dessa dor e dessa esperança. A igreja não deve estar alheia à dor do mundo; ela deve estar em oração precisamente nos lugares onde o mundo está sofrendo. Esse é parte de nosso chamado, nosso grande, mas estranho papel nos propósitos de Deus para a criação.

**Fonte:** [www.operationnoah.org/sites/default/files/Theology%20Creation%20renewed%20pdf.pdf](http://www.operationnoah.org/sites/default/files/Theology%20Creation%20renewed%20pdf.pdf)

(Este texto é uma seção de “Paulo para todo mundo”, reproduzida com permissão. Veja também Surpreendido pela esperança)

---

**Revista Cristã Última Chamada. Todos os direitos reservados.**

Site: [www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)